

(Caio Riter)

(C) (€) (C) (Í) (L) (I) (A)
(Q) (U) (€) (A) (M) (A) (V) (A)
(F) (€) (R) (N) (A) (N) (D) (O)

edelbra

Caio Riter



CECÍLIA QUE AMAVA FERNANDO

OBRA VENCEDORA DOS PRÊMIOS:

Açorianos de Criação Literária - 2015

AGES - Livro do Ano - Melhor livro juvenil - 2017

AGES - Livro mais votado - 2017

2ª edição

Porto Alegre - 2019

edelbra

© 2019 Edelbra

2ª edição, 1ª impressão

Projeto gráfico:

Vinícius Kraskin

Revisão:

Cláudia Bechler

R611c Riter, Caio
Cecília que amava Fernando / Caio Riter. – 2. ed. – Porto Alegre:
Edelbra, 2019.
112 p. ; 16 x 23 cm.

ISBN 978-85-5590-097-6

1. Literatura juvenil – Novela. I. Título.

CDU 087.5

Catlogação na fonte: Paula Pêgas de Lima CRB 10/1229

2019

Edelbra

www.edelbra.com.br/editora

Central de atendimento: 51 2118 4404

atendimento@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.



*Tudo que cessa é morte, e a morte é nossa
Se é para nós que cessa. Aquele arbusto
Fenece, e vai com ele
Parte da minha vida.*

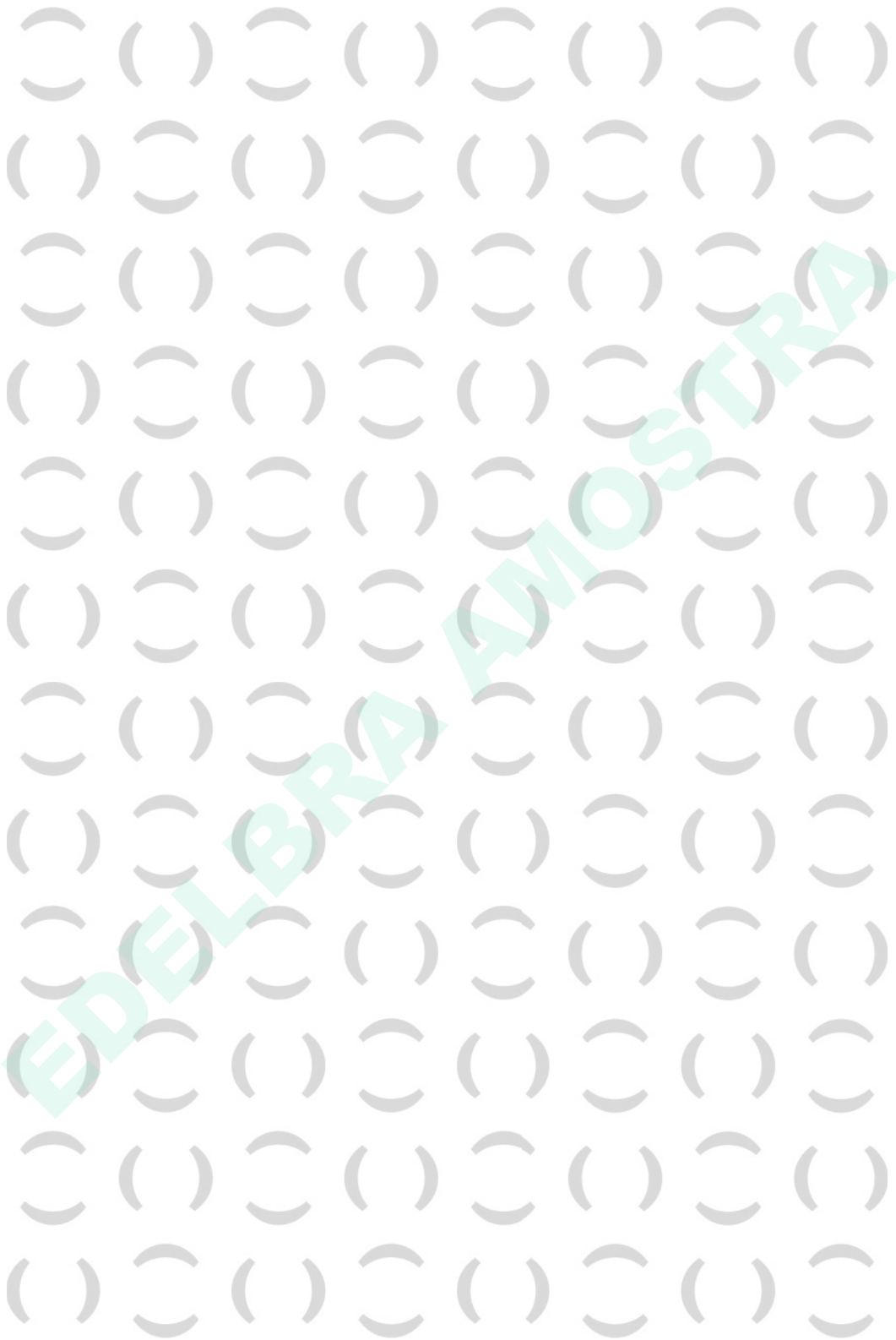
*Em tudo quanto olhei fiquei em parte
Com tudo quanto vi, se passa, passo,
Nem distingue a memória
Do que vi do que fui.*

Ricardo Reis



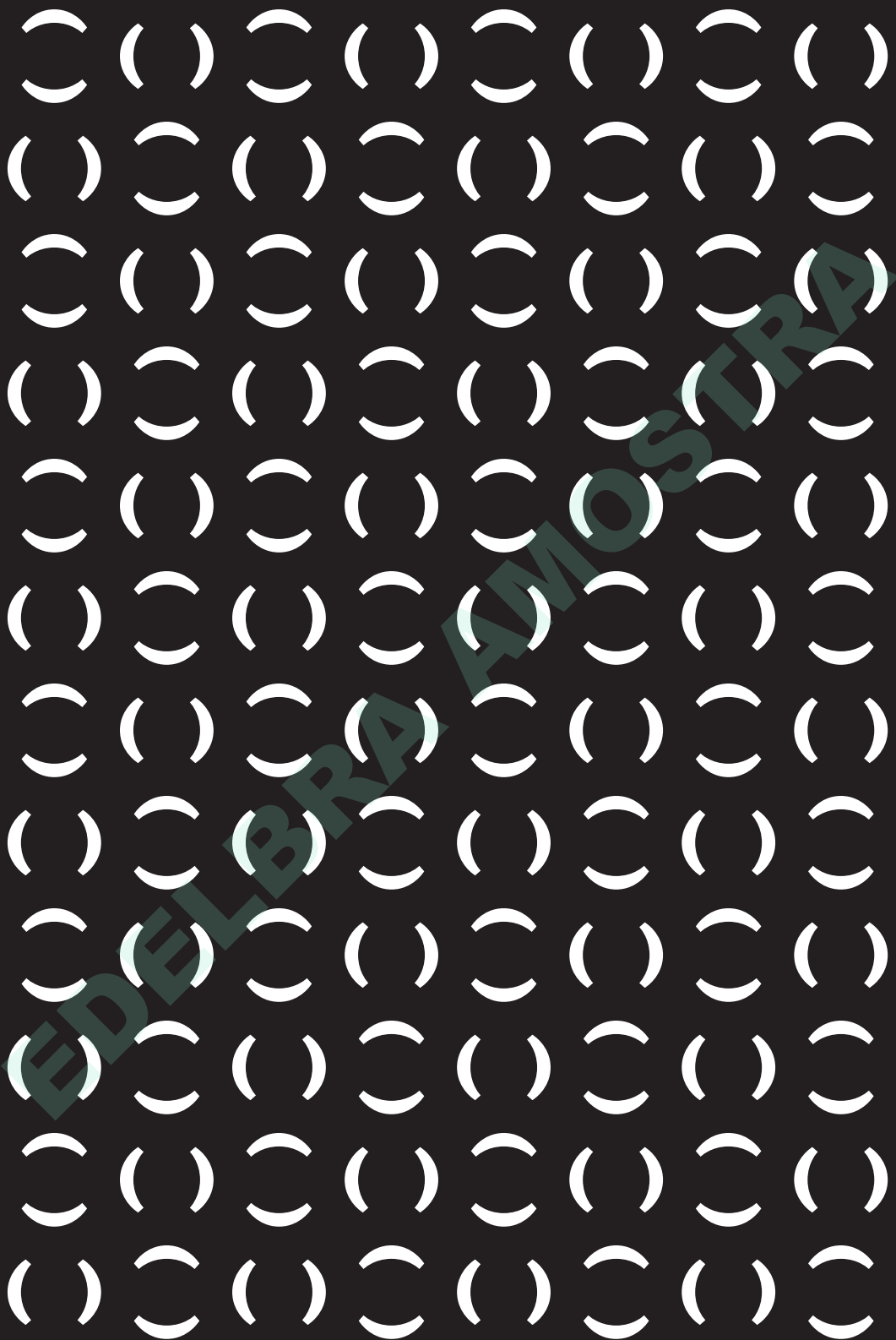


**(Para Laine,
que ama Fernando
também)**



Sumário

1	A nuvem	9
2	A resposta.....	49
3	A separação	81
4	Epílogo.....	109



1. A NUVEM



Havia, eu via, uma nuvem cinza nos olhos da minha avó. Nuvem que eu nunca tinha notado antes.

Ela ali, na minha frente, manhã de domingo costumeira: meu pai assando o churrasco, minha mãe preparando as batatas da discórdia da tia Socorro, minha irmã mergulhada no Face, fones de ouvidos nas orelhas como a dizer *Me esqueçam, finjam que eu não existo*. Enfim, tudo igual. Logo tio Otto buzinará lá na frente e entraria rindo e brincando, junto com meu primo. Nada de novo.

Nada.

A não ser aquela nuvem cinzenta que teimava em nublar os olhos de Cecília, minha avó.

E ela me sorriu, e vi no seu sorriso que sabia daquela nuvem e da chuva (ou da tempestade) que ela anunciava. Sorriso que queria dizer palavra de vó que tenta despreocupar aquele que a olha com preocupação. Eu, no caso.

Sorriu.

E seu sorriso parecia perguntar por que eu não era como os outros — meus pais, minha irmã, tio Otto, o Cado — que se ocupavam

com suas coisas e desentendiam de nuvens acinzentadas em olhos de avós. Sorriso que também me dizia do carinho que tinha por mim. Sorriso que queria parecer o mesmo de sempre.

Mas não era.

Eu:

— Tudo bem contigo, vó?

Cecília:

— Tudo.

Todavia, aquele *tudo* dito por ela, dito assim sem nenhum adendo qualquer me disse outra coisa. Ah, como eu queria saber o que aquele tudo escondia, o que aquele cinza nos olhos da minha vó dizia. Ficamos em silêncio que mais não podíamos. Peguei na mão dela, pouco enchimento de carnes, branca muito branca, veias azula-das, e me lembrei das noites de escuridão.

— Mãos de velhos parecem versos de um poema — ela disse bai-xo, acho que para que apenas eu ouvisse, e eu sorri. Porém, não era en-tendimento.

— Estas linhas azuladas — Cecília explicou — são como as linhas de um poema.

Eu olhei novamente para as mãos de minha vó, ainda entre as minhas, e vi o óbvio: vi os versos ritmados de um poema. Um poema que desejei, como nunca, ler.

— A vida passa rapidamente, Bernardo. E desta vez não houve sorriso, apenas um suspiro daqueles vindos do fundo da alma. Ela nada disse, nem eu tampouco pude falar qualquer frase mais corriqueira. Ficamos os dois ali, mãos nas mãos (mais que isso a gente não podia mesmo), enquanto meu pai assava o churrasco, minha mãe retirava as batatas da discórdia do forno e Manoela acessava o Face e ouvia uma música da tal Demi Lovato.

E então a buzina do carro do meu tio soou lá na frente de casa. Minha mãe se virou para mim e pediu que eu fosse abrir o portão pra ele. Não pediu pra Manoela. Sabia que a Demi era muito mais importante que tio Otto, que o churrasco ou as batatas, que nosso

primo e seu boné cobrindo o rosto, que Cecília. Vi que minha mãe, por um instante, um pequeno instante, pousou seus olhos sobre minha avó. Ela gostava da sogra, eu sabia. Muitas vezes a vi dizendo para que meu pai ligasse pra mãe dele, que a visitasse mais seguidamente. *Depois que o seu Gregório se foi, Alberto, a Cecília anda meio solitária.* Mas meu pai era médico, tinha lá seus pacientes, seus afazeres. Telefonava pra mãe dele, falavam um pouco, e logo ele já estava envolvido com o trabalho.

Meu pai é um homem bacana, mas tem um jeito meio desligado da família. Não pergunta pelo nosso dia a dia, não se interessa muito por nada. Só pelo trabalho; pelo trabalho, sim. Ah, mas, nos domingos, o churrasco toma conta dele. Aí vira outro: sorri, brinca, diz bobagens, abraça e beija minha mãe o tempo todo.

Da porta, aceno pro tio Otto e pro meu primo. O Cado, boné enfiado na cabeça, cabelos saindo pelos lados, nem me olha. O tio Otto dá um grito de alegria e acena com as duas mãos daquele seu jeito todo espalhafatoso, herança, acho, do vô Gregório.

Eles entram, nos colocamos ao redor da mesa. Meus olhos sempre presos na minha avó.

(NOITE DE ESCURIDÃO)

Bernardo gosta de estar na casa dos avós. Gosta daquela rotina mais lenta, sem televisão, sem internet, apenas um rádio de pilha, no qual Cecília e Gregório ouvem música e notícias. Sabem tudo o que ocorre no Brasil, no mundo. Sempre sabem o que pensar sobre as coisas que acontecem. E Bernardo gosta de ouvi-los. Gosta de saber que eles pensam tão diferente do que o que seu pai pensa. Difícil crer que o pai — com sua defesa de posturas radicais, por vezes preconceituosas — possa ter sido criado por eles.

Cecília lhe estende uma fatia de bolo e um copo de suco. Depois, senta-se ao lado do neto.

— Hoje quero te apresentar a poesia do Pessoa.

— De quem, vó? — o garoto pergunta.

— Do Pessoa. Ele foi um grande poeta. Escute só: Dobre é o título do poema.

Peguei no meu coração
E pu-lo na minha mão.

Olhei-o como quem olha
Grãos de areia ou uma folha.

Olhei-o pávido e absorto
Como quem sabe estar morto;

Com a alma só comovida
Do sonho e pouco da vida.

E, depois, o vô ressonando no sofá, Cecília deita-se ao lado de Bernardo. Apaga a luz do quarto do menino,

acende a lamparina de cabeceira. Aconchega-o contra seu peito.

— Vó — ele diz, olhos fechados na busca de mais escuridão. Sabe ele que o escuro sempre propicia palavras mais soltas, mais livres. Quer dizer: saber não sabe, visto que é guri ainda de poucos saberes. Talvez, intua. Agora. Logo, terá consciência de que aquelas noites de escuridão serão necessárias, e desejadas.

— Sim, Bernardo.

— Eu não dormi ainda.

— Eu percebi — diz Cecília.

— Sabe, eu queria te dizer uma coisa, mas não sei direito se devo ou não te dizer.

Ela sorri no escuro.

— Ah, meu querido, isso só você pode saber.

— Tá — ele diz.

E o quarto vira silêncio por um tanto de tempo, apenas as respirações dos dois, avó e neto, unidas na expectativa do ainda não dito.

— Eu acho que posso te dizer, sim — fala Bernardo.

A avó nada diz. Apenas aperta-o mais contra si.

— Vó, a senhora tem medo de morrer? Eu tenho. Muito — e os soluços tomam conta do pequeno peito e explodem em dor infinda e são mar a cortar o rosto, a molhar o peito da avó.

— Ah, meu querido tão querido — é só o que ela consegue dizer.

A vida passa. Rapidamente. Foi isso que vó Cecília disse naquela tarde de domingo, mãos acolhidas entre as minhas. Falou também de versos. Minha avó adora versos, difícil chegar à sua casa e não a encontrar com um livro na mão, sobretudo os do Pessoa. Os dele, na verdade não, já que o Pessoa, ele mesmo, só havia escrito um livro, como minha avó me explicou certa vez. E aí ela foi falando dos outros poetas que viviam dentro do Fernando Pessoa, os tais heterônimos, uma coisa estranha, meio louca, que apenas entendi (ou acho que entendi), quando a sora Anelise (que era louca pelas poesias do Pessoa também) explicou: o tal do poeta havia criado mais uns tantos outros poetas, e cada um escrevia do seu jeito, cada um tinha um estilo, tinha uma biografia, uma história. Loucura difícil de entender, mas fascinante demais. Eu e meus colegas, o Bento, a Lisi, o Cássio e todos os outros — com exceção, acho, do Rogério Abreu, que já tinha desistido de estudar fazia tempo — ficamos meio tontos com tamanha genialidade, como foi repetindo o Bento, quando a gente ia pra casa a pé, que ele queria passar na frente do prédio da Lídia.

Na época eles ainda não eram namorados, acho que só ele é que estava a fim, e aquela coisa terrível não havia acontecido ainda.

Ainda não.

Loucura total.

Pois o Bento dizia:

— Meu, o tal do Fernando é um gênio. Imagina criar todos estes outros eus que a sora falou. Tá louco. O cara era gênio.

Aí eu disse que meu nome era Bernardo por causa do Bernardo Soares. Um dos poetas que o Fernando Pessoa inventou.

— Sério, meu?

— Aham. Sugestão da minha vó, que adora as poesias dele.

— Bah, cara, muito louco. Mais louco ainda aquele das máquinas, o tal Álvaro de Campos. Muito pirado.

É, muito pirado, foi o que pensei na hora. O Bento, amigo sempre amigo, desde a pré-escola, amigo pra se pensar em voz alta, amigo-amigo. Aí aconteceu aquilo. E eu não deixei de gostar do Bento, mas cada vez que a gente se encontra, e não são poucas as vezes, fico pensando que

devia contar pra ele, fico pensando que ele ia entender, fico querendo que ele entenda, embora eu saiba que eu mesmo não entendo e não perdoo o tudo. Não tem como, acho.

Não tem.

Outras vezes penso que, se eu fosse o Pessoa, tudo seria mais fácil: inventava um outro Bernardo, com nome, sobrenome, identidade, cara, tudo diferente, aí ele fazia aquilo e eu tirava de mim a culpa do erro. Ficava tudo com ele. Tudo. Qualquer bobagem, qualquer desgraça, qualquer dúvida, jogava na história do meu outro eu e tudo se resolvia fácil-fácil. Ele, talvez, (talvez não, com certeza) teria nome bem diferente do meu, nome composto, mais de um. Isso sempre é uma vantagem, tipo a Maria Júlia lá da escola: por vezes é Maria Júlia, mas também pode ser Maria, ou apenas Júlia, ou até Ju, como a Lisi e as outras gurias a chamam. Então, se eu crio um outro eu, ou dois, ou três outros eus, posso fazer muito mais do que apenas um eu faria. Viro mais de um, três, cinco, mil, e aí poderia ser o amigo verdadeiro do Bento, o amigo que o Bento acredita que eu sou. Mas de gênio não tenho nada.

Nada.

Aí penso nas veias azuladas nas mãos da vó Cecília, aí lembro o rosto dela meio distante, aí me lembro das palavras dela dizendo que a vida passa rapidamente, o tempo voando, passando, e a gente sem força pra dizer, pra fazer, o que tem que ser dito, o que tem que ser feito.

João Pedro.

Marco Aurélio.

Luiz Augusto.

Ou só Augusto.

Alexandre sempre pode virar Xande.

Xandinho.

Ismael.

Ernesto.

Túlio. Ou Júlio. Ou Getúlio.

Ou Bento.

Bento não. Nome do meu amigo.

As mãos do Bento são fortes, não quase transparentes e cheias de veias-verso azuladas, como as da Cecília. O Bento também tem um segredo: coisa que poucos sabem. Eu. E o Cássio, com certeza. Talvez mais ninguém.

Na mesa, todos comem e riem e dizem bobagens. A Manoela cataloga os guris mais bonitos do Face, alheia às histórias de família. Vó Cecília lembra algumas histórias do vô Gregório, todas sempre divertidas. E, então, o vô passa a fazer falta, a presença física dele faz falta ao redor da mesa, já que a lembrança não deixa que ele morra. Acho que, enquanto a gente viver, o vô não vai ser esquecido. Quer dizer, a gente-gente não, que, se depender da minha irmã, todos já somos material obsoleto, peça de museu. Pra ela, só interessam mesmo os bonitinhos do Face (o Bento e o Rogério Abreu entre eles) e a tal da Demi Lovato.

(NOITE DE ESCURIDÃO)

A avó se encanta com o brilho nos olhos negros do neto. Folheia o grande livro e deixa que o tanto de cores, de imagens que subvertem a lógica do real, explodam das páginas.

— Os relógios estão derretendo, vó?

Meninos sempre são perguntas. Sobretudo, quando o coração é susto. Ou surpresa.

Cecília sorri. Na lembrança, o rosto do marido, há meses apartado da vida, a se iluminar (assim como Bernardo agora) com as imagens de sonhos criadas por Dalí. Pensa que é bom legar aos outros os gostares nossos. Pensa que é uma forma de se manter viva. Pensa em Gregório e no tanto de felicidade que teve ao lado do marido.

— Teu avô Gregório gostava muito destes relógios derretidos — diz a avó.

O menino é lembrança do avô, lembrança dolorida, mas não se sabe palavras assim no claro: prefere os escuros, eles sempre suscitam revelações, como as tantas que fará para a avó nas tantas noites dormidas na casa dela. Diz apenas:

— Parecem manteiga fora da geladeira.

E sorri.

Cecília sorri também.

E quando a noite cai, e quando os dois são abrigados por lençóis perfumados, um ali, ao lado do outro, as mãos sendo pontes entre as camas, é que Bernardo encontra forças para a confissão:

— Vó, por vezes eu acho que vou morrer de tanta saudade do vô.

Cecília é profundo suspiro.

— Eu também, meu querido. Eu também.

A sora lá na frente a falar de fórmulas, a citar macetes para que a gente possa passar na prova que nos garantirá uma vaga na universidade. Meu pai sempre deixou bem claro: não somos alunos pra faculdade privada. Quer de nós o mesmo que conquistou: uma vaga na universidade pública. De preferência, Medicina. Confesso que isso sempre foi muito tranquilo, essa coisa de seguir a carreira do pai, de pisar nas pegadas no pai, de ter como colega de consultório meu próprio pai. O Bento sempre diz que me inveja por isso. Ele não quer ser professor como os pais dele. Não quer. Mas também não sabe direito ainda que carreira quer seguir. Por vezes, até me diz que talvez nem faça faculdade.

— Ah, meu, quem sabe viajar o mundo: Europa, África, Austrália? Tá louco, isso ia ser tudo. Sem preocupação maior que a de conseguir o rango do dia. Que te parece, meu? Seria tri nós dois zanzando pelo mundo.

Lembro que ri. Que mais podia senão rir? Meu pai jamais ia fi nanciar uma loucura dessas.

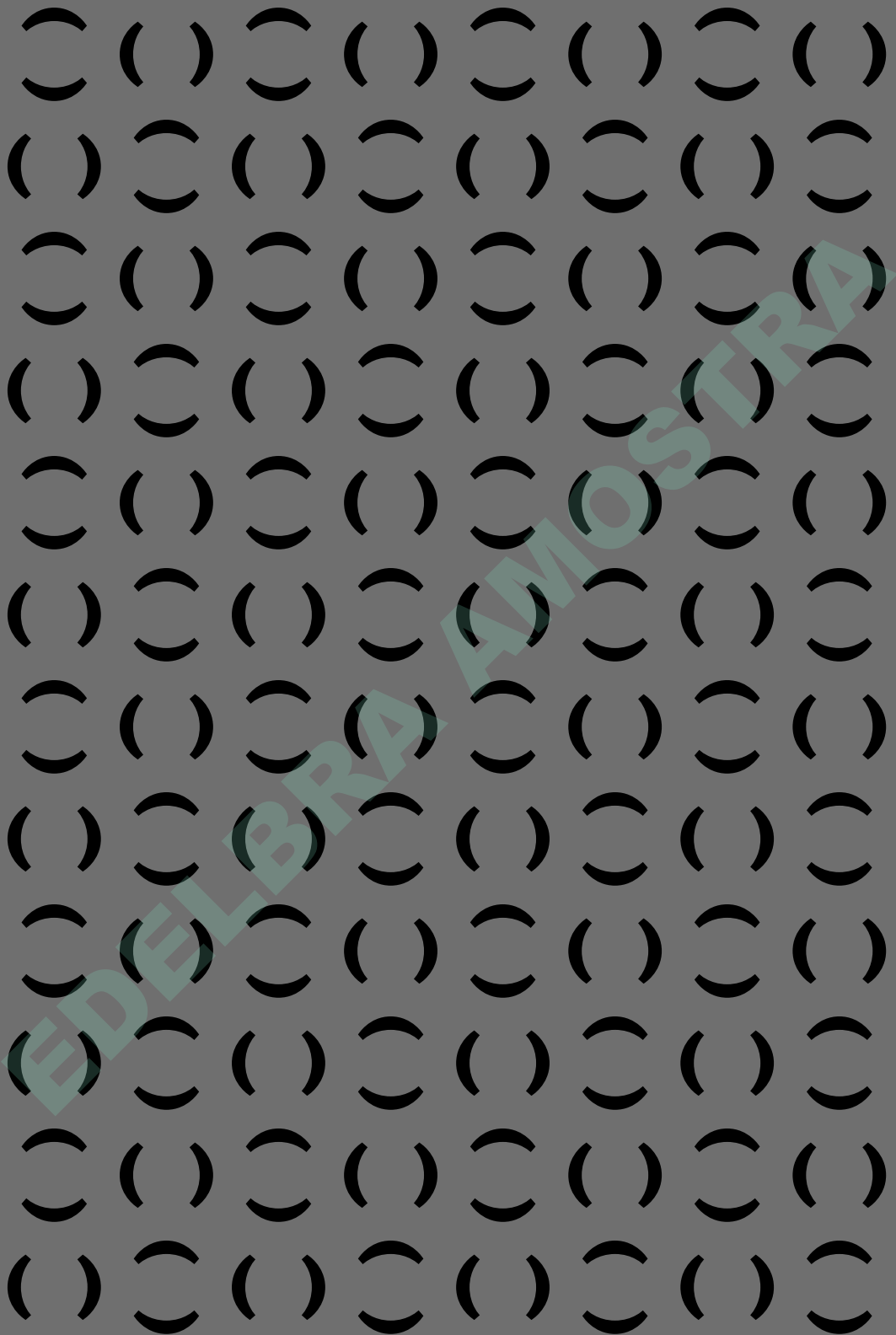
— Por que loucura? — o Bento me perguntou. A gente ali, sentado sobre as bicicletas, esperando a Lídia, que tava na aula de violão. A Lídia canta como ninguém, voz superbonita, cheia de falsetes. E canta músicas antigas, daquelas do tempo dos nossos pais, nada das músicas de modinha ou da tal Demi Lovato. Nisso, acho que só nisso, a Lídia é diferente das outras gurias. No mais, é chapinha todo o dia no cabelo e aquele jeito meio gritão que todas as minhas colegas têm. Mais gritam que falam. E riem demais. A Carolina não, que a Carolina, esta sim, é menina ímpar. Minha vó Cecília sempre diz isso: que eu mereço uma guria ímpar. Então, conluo, eu mereço a Carolina.

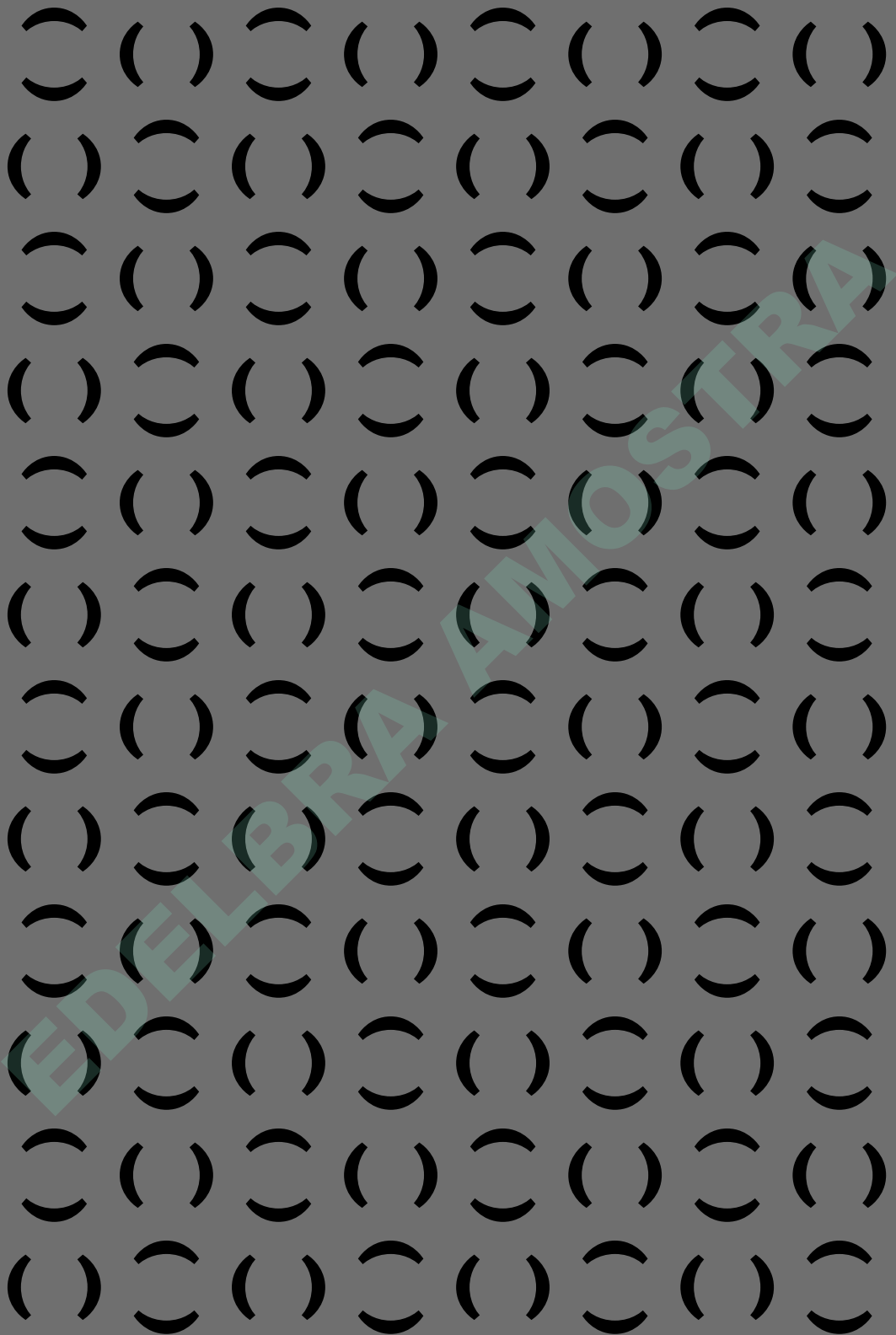
Só a Carolina.

Apenas a Carolina.

Sempre a Carolina.

Mas, voltando à pergunta do Bento: ora, loucura porque é loucura. Pelo menos, acho que o meu pai não teria outro adjetivo pra classificar o meu pedido, caso, algum dia, eu ousasse fazer tal pedido: viajar pelo mundo com o Bento, Austrália, África, Europa. Ele ia dizer que eu estava louco, que a faculdade me esperava, que formação



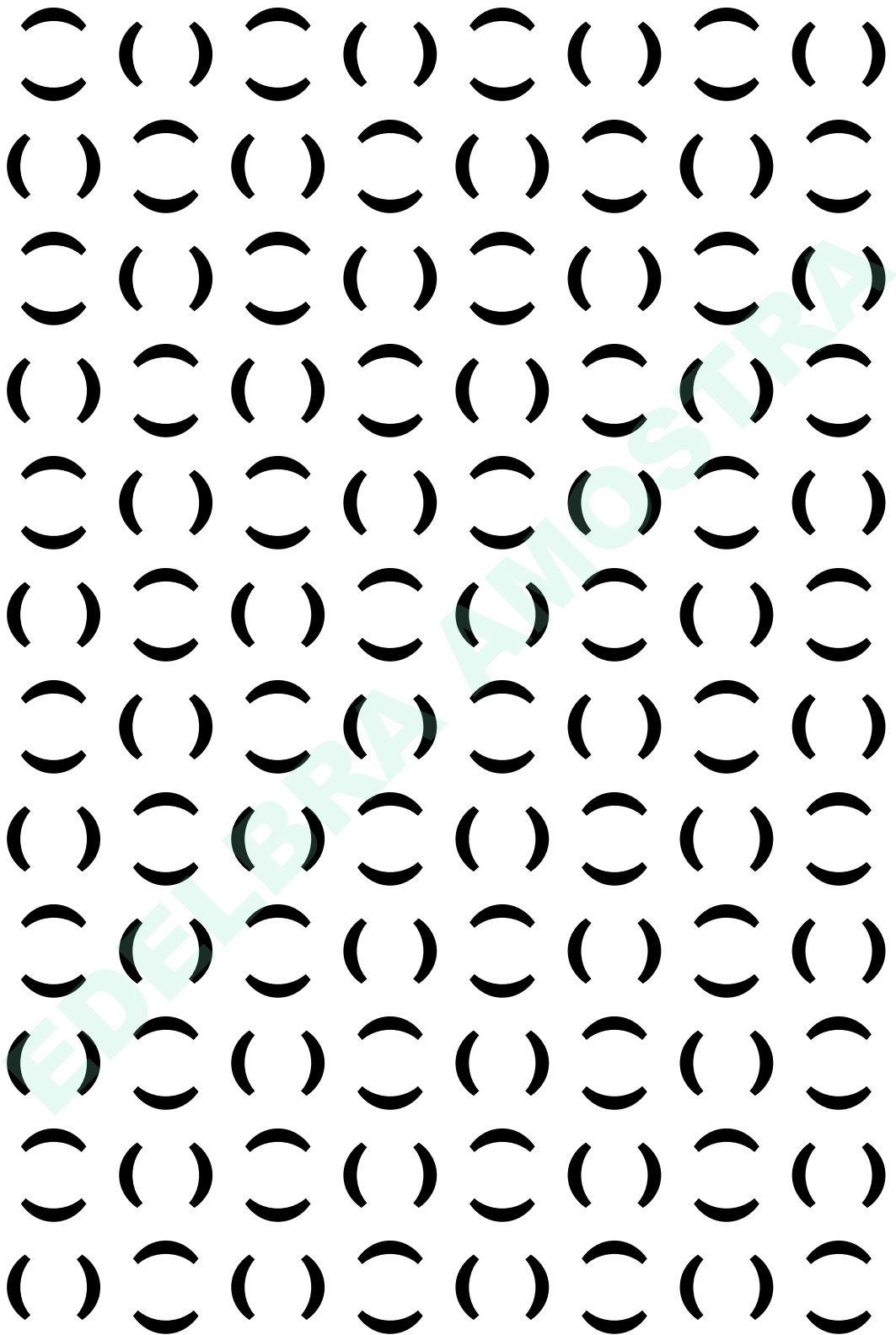


4. EPÍLOGO



Leio as palavras de Cecília. Sempre. E as de Fernando também.

*A vida é terra e o vivê-la é lodo,
Tudo é maneira, diferença ou modo.
Em tudo quanto faças sê só tu,
Em tudo quanto faças sê tu todo.*



Olho para a rua. Lá fora, um sol forte, um céu azul, um nada de nuvens. Aqui dentro, um quadro-negro cheio de fórmulas, um bando de gente querendo ingressar na faculdade, um adolescente (eu, no caso) com vontade de sumir. Ou de derreter, como os relógios do Dalí, e ir fugindo como água que se infiltra na terra e ninguém vê.

Ninguém vê.

Entro no banheiro, me tranco no box e choro choro choro choro. Choro tanto, choro as minhas dores e todas as dores de quem sofreu com a bomba atômica, de quem morreu na Guerra do Vietnã, de quem perdeu amigos e parentes no 11 de setembro. Choro a morte de todos os indígenas brasileiros. Choro a destruição da biblioteca de Alexandria. Choro o Holocausto. Choro a minha desgraça e a desgraça alheia. Choro meus preconceitos e todos os que existem no mundo (e também os que ainda vão existir).

Choro.

OBRA VENCEDORA DOS PRÊMIOS:

Açorianos de Criação Literária - 2015

AGES - Livro do Ano - Melhor livro juvenil - 2017

AGES - Livro mais votado - 2017

edelbra

